

A relação dos ciganos com o mundo do trabalho: limitações na empregabilidade formal em Jacobina - Bahia

Edson Bessa Meireles Neto

CETEP do Piemonte da Diamantina II, Jacobina - BA, Brasil
E-mail: lordbessaiii@gmail.com

Airton Jordão Sampaio dos Santos

CETEP do Piemonte da Diamantina II, Jacobina - BA, Brasil
E-mail: ayrtonsantos029@gmail.com

Ademilton da Silva Rocha

CETEP do Piemonte da Diamantina II, Jacobina - BA, Brasil
E-mail: ademiltonrocha655@gmail.com

Laudicéia da Cruz Santos

CETEP do Piemonte da Diamantina II, Jacobina - BA, Brasil
E-mail: laudibotafogo@hotmail.com

Sabrina de Souza Lima

CETEP do Piemonte da Diamantina II, Jacobina - BA, Brasil
E-mail: sabrinalima4@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo é um desdobramento da nossa pesquisa, a qual buscou compreender como acontece a inserção dos povos ciganos de Jacobina - BA no mundo do trabalho. Para tanto, pautamo-nos na abordagem quali-quantitativa, desenvolvendo uma pesquisa exploratória. Os dispositivos de pesquisa utilizados foram: entrevistas semiestruturadas, os questionários fechados e o diário de campo. Por fim, adotamos a Análise de Conteúdo como procedimento de análise. Os resultados mostram que os gerentes e representantes das instituições comerciais se isentam da responsabilidade com relação à inexistência de ciganos no mundo do trabalho, pois camuflam o que a própria comunidade cigana evidenciou a partir dos dados apresentados pelas entrevistas, ou seja, que o preconceito e a desconfiança são grandes dificuldades para que eles consigam um lugar no mundo do trabalho formal, sem desconsiderar que o baixo índice da conclusão do Ensino Médio tem certo impacto nesse processo, mas não é o fator principal.

Palavras-chave: Cultura(s) cigana(s). Mundo do trabalho. Emprego formal e informal.

The relationship of gypsies with the world of work: limitations on formal employability in Jacobina - BA

ABSTRACT

This article is an unfolding of our research, which aimed to understand how the insertion of the Roma people of Jacobina - BA in the world of job happens. This way, we adopted a quali-quantitative approach, developing an exploratory research. The research devices used were: semi-structured interviews, closed questionnaires and the field diary. Finally, we adopted Content Analysis as analysis method. Our results point out that managers and representatives of commercial institutions are exempt from responsibility for the lack of Roma in the world of work, as they camouflage what the Roma community itself evidenced from the data presented by the interviews, or that is, that prejudice and distrust are great difficulties for them to get a place in the world of formal work, without disregarding that the low rate of completion of high school has a certain impact on this process, but it is not the main factor.

Keywords: Gypsy culture(s). World of work. Formal and informal employment.

RECEBIDO EM: 04/08/2019 | APROVADO EM: 04/12/2019

1 INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo, o desconhecimento em relação à (s) cultura (s) dos Povos Ciganos por parte dos não ciganos tem provocado ao longo dos séculos uma visão bastante preconceituosa e falsos estereótipos sobre eles, sem a preocupação em enxergá-los dentro de certo contexto e como sujeitos de direitos. Dessa forma, um dos primeiros equívocos apresentados é acreditar que “cigano” é um termo genérico a todos os ciganos. Há uma diversidade muito grande entre os grupos étnicos e subgrupos ciganos, sendo que no Ocidente pesquisadores, ciganos ou não, costumam fazer a distinção em três grandes grupos: Rom, Calon e Sinti. Os Rom brasileiros pertencem principalmente aos subgrupos Kalderash, Machwaia e Rudari, originários da Romênia; aos Horahané, oriundos da Turquia e da Grécia, e aos Lovara. A eles se juntam os Calon, com grande expressão em todo o território nacional, oriundos da Espanha e Portugal. Os Sinti chegaram ao nosso país principalmente após a Primeira e Segunda Guerra Mundial, vindos da Alemanha e da França.

Com a chegada dos primeiros grupos ciganos no Brasil entre 1560 a 1570, partindo de Portugal deportados, as perseguições foram mantidas pela corte portuguesa aos ciganos aqui habitantes. E um dos pontos mais interessantes na comunidade cigana é serem unidos entre si por forte identidade cultural e “nacionalidade” comum, o que ajudou a preservar a cultura, assim como a endogamia.

Em Juiz de Fora, por volta dos anos 1860 a 1920, havia uma população considerável; onde muitos eram ciganos expulsos do Nordeste. E, no período decorrente da transição para o capitalismo, pela introdução de novas relações de trabalho, pelo processo de urbanização e assimilação dos valores “modernos” que chegavam da Europa, muitos desses ciganos por todo o Brasil (principalmente no Nordeste, Minas Gerais e Rio de Janeiro) tiveram a oportunidade em exercer suas aptidões ao comércio, sendo estas conhecidas em todos os lugares que passaram. Em suma, os ciganos tiveram maior reconhecimento profissional, vale ressaltar que isso também ocorreu no ramo artístico, conforme indica a obra “É proibido negociar com ciganos e suspeitos...” – O trabalho na Manchester Mineira de Isabel Cristina Medeiros Mattos Borges.

Participaram ativamente, no início do século XIX, de apresentações artísticas e em festividades ligadas à Corte, como em casamentos importantes, como da filha mais velha de D. João VI com um infante da Espanha (1810) e no de D. Pedro I com a Princesa Leopoldina (1813), e também nas comemorações da elevação do Brasil a Reino Unido (1815), que duraram três dias. (BORGES, 2005, p.6)

Porém, com toda urbanização também vieram os problemas recorrentes e conflituosos entre a sociedade não-cigana com suas normas e as comunidades ciganas. Nessa aproximação, muitas tentativas terminaram em fracasso, de um lado pela desconfiança e preconceito, pela transmissão do senso comum e, por outro lado, dos ciganos estarem na defensiva após séculos de perseguição na Europa e no Brasil sendo a continuação, de mais um episódio na saga de perseguição aos ciganos.

Com a aproximação da queda da monarquia brasileira, pensou-se que haveria um relaxamento nessa perseguição e propagação de estereótipos devido à influência iluminista pelos valores humanos e pela democracia. Porém, como vemos a seguir:

“Os movimentos pela Independência, as pressões abolicionistas e, com grande força, a política de construção de uma identidade nacional, atrelada à ideia de modernização e civilização dos costumes, intensificou a repressão às populações que destoavam dos ideais de “progresso”, fechando o cerco sobre os ciganos, que sofrem pressões para deixarem os centros urbanos e as periferias.” (BORGES, 2005, p. 6)

Com todos os conflitos recorrentes nesse período de transição, houve uma maior aproximação das comunidades ciganas e a sociedade (brasileira não-cigana), de forma que hoje muitos ciganos se identificam também como brasileiros, e chega até mesmo a conviver sendo percebidos ou não, entre as grandes cidades brasileiras, assim como também em zonas rurais, e com toda a expectativa é de se esperar que haja melhorias devido ao surgimento de ciganos nos meios universitários que possam criar uma ponte entre a comunidade mais isolada (devido ao histórico, muitos preferem evitar contato pelo medo de perda da cultura) e a sociedade multicultural brasileira para que assim possam ter contato verdadeiro ao invés de somente disseminar estereótipos enraizados no senso comum.

Em Jacobina - BA, há aproximadamente 200 ciganos, em sua maioria da etnia Calon, mas também notamos a presença de representantes Sinti, e da etnia Rom, porém um número expressivamente menor. Convém ressaltar que todas essas famílias já possuem uma moradia fixa, ou seja, se sedentizam, já que encontram um ambiente mais acolhedor e propício ao comércio de animais, roupas, carros e a prática da agiotagem. No geral os ciganos - em especial homens que conseguem terminar o Ensino Médio, encontram-se mais na informalidade, as mulheres geralmente estudam apenas até o Ensino Fundamental II. Tal situação provocou em nós uma inquietação a respeito dos povos ciganos no mundo do trabalho, o que nos sensibilizou a buscarmos um caráter mais científico sobre a relação dos ciganos com o mundo do trabalho e as limitações presentes na empregabilidade formal deles. Aliado a isso o conhecimento que obtivemos sobre Estatuto do Cigano que estava em trâmite em 2017, o qual foi aprovado em março de 2018, ampliou nosso interesse investigativo. Um dos aspectos mais importantes do referido estatuto é em relação ao acesso dos ciganos ao mundo do trabalho.

Na área trabalhista, o governo deverá adotar ações para vedar a discriminação no emprego e na profissão. O poder público promoverá oficinas de profissionalização e incentivará empresas e organizações privadas a contratar ciganos recém-formados. Haverá incentivo e orientação à população cigana quanto ao crédito para a pequena e média produção, nos meios rural e urbano (...).¹

Tal preocupação se explica pela quase inexistência da presença dos ciganos no mundo do trabalho, certamente pelo preconceito e discriminação que sofrem pelos não ciganos e também pela pouca escolaridade na educação escolar. O que percebemos foram muitos ciganos atuando na informalidade nos mais diferentes setores da economia: comércio de roupas, carros, empréstimos (agiotagem), dentre outras atividades, geralmente iniciadas a partir do dote recebido pelo jovem cigano, por parte do pai da jovem cigana para o auxílio na construção da vida dos recém-casados.

Na tradição cigana da etnia Calon, o dote seria equivalente a uma herança em vida dada pelo pai da noiva a família do noivo, como forma do jovem casal ter subsídios para constituir e manter a família. O valor do dote depende de cada contexto e das condições financeiras da família da noiva. Quando os ciganos da etnia Calon de Jacobina - BA eram nômades, o dote poderia ser uma mala de couro, um animal, etc., atualmente, pode ser em dinheiro ou imóvel. (SANTOS, 2017, p.32)

O dote surge, portanto, como um caminho para os ciganos iniciarem alguma atividade econômica capaz de prover o sustento da família, como principal responsabilidade do homem. E, dessa forma, eles atuam basicamente na informalidade, sendo que em Jacobina - BA a principal atividade autônoma desenvolvida por eles é a prática da agiotagem.

¹ Estatuto do Cigano. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/09/projeto-que-cria-estatuto-do-cigano-e-aprovado-na-cas>> Acesso em 05 jul.2018.

Outro fator que consideramos significativo para levarmos adiante a nossa pesquisa foi o pertencimento a identidade cigana Rom, de um dos membros do nosso grupo, pois como cigano ele nos trouxe um incentivo a investigar a inserção deles no mundo do trabalho para percebermos as razões ou motivos que possam vir a impedir o acesso dos ciganos na empregabilidade formal.

Acreditamos que a importância da nossa pesquisa está em preencher uma lacuna a respeito da investigação dos ciganos no mundo do trabalho, uma vez que a partir do levantamento da pesquisa bibliográfica, o chamado estado da arte, foi encontrado apenas um trabalho direto sobre nosso tema de interesse, no Google Acadêmico, no Portal *Scielo*, no Portal Capes e Biblioteca do Universidade do Estado da Bahia. Outro aspecto relevante foi dialogar com os representantes das comunidades ciganas de Jacobina - BA a respeito das possíveis alternativas para enfrentar às dificuldades de inserção no mundo do trabalho, já que as entrevistas revelaram as barreiras que precisam ser superadas para que de fato aconteça a referida inserção. Para além disso, observamos a oportunidade de poder chamar atenção da sociedade não cigana ao mostrar que os ciganos também trabalham, sobrevivem e almejam trabalhos formais, pois uma das maneiras de alcançar o emprego formal é concluindo o ensino médio, podendo quiçá fazer curso superior, embora infelizmente ainda persista o empecilho do preconceito da sociedade não-cigana.

2 OBJETIVO E QUESTÃO PROBLEMA

Ante o exposto, nossa pesquisa teve como objetivo geral compreender como acontece a inserção dos povos ciganos de Jacobina - BA no mundo do trabalho. Sendo assim, para que atingíssemos o objetivo, percorremos os objetivos específicos, a saber:

- Realizar levantamento dos ciganos Calon, Rom e Sinti de Jacobina - BA que concluíram o Ensino Médio.
- Identificar as áreas de atuação profissional dos ciganos concluintes do Ensino Médio em Jacobina-BA.
- Comparar a inserção dos ciganos no mundo trabalho formal e informal de Jacobina-BA.
- Discutir as dificuldades enfrentadas pelos povos ciganos para inserção na empregabilidade formal em Jacobina-BA.

Assim os povos ciganos, sejam eles de etnias *Calon*, *Rom* ou *Sinti*, ao longo dos séculos, têm sido discriminados e excluídos da sociedade não cigana por meio de comentários pejorativos, em geral, ideias do senso comum passadas de geração em geração, colaborando para péssima imagem que os ciganos passam a ter na sociedade não cigana. Isso porque muitas produções a respeito dos ciganos foram construídas sob a ótica dos não ciganos, em especial dos europeus que atribuíram aspectos extremamente preconceituosos aos ciganos, como ladrões, trapaceiros, violentos, incivilizados, dentre outros estereótipos negativos. Dentro desse contexto, há a disseminação da falsa ideia de que ciganos não gostam de estudar e de trabalhar.

No entanto, não se tem problematizado quais as relações que os ciganos têm estabelecido com a educação escolar e com a educação familiar? E qual sentido da educação escolar para possível ingresso no mundo trabalho?

Dentro dessa problemática, investigamos como os ciganos de Jacobina - BA têm sido inseridos no mundo do trabalho e qual a principal forma de inserção? Na informalidade ou na empregabilidade formal?

3 METODOLOGIA

A construção do processo metodológico de nossa pesquisa foi: a realização da pesquisa bibliográfica com o levantamento de textos que abordassem os ciganos no mundo do trabalho; na sequência fizemos a primeira pesquisa exploratória na Comunidade Cigana no bairro da Catuaba para apresentação da proposta e percepção da existência de ciganos com Ensino Médio completo e dos possíveis trabalhos por eles realizados.

Diante das informações adquiridas nesse contato, definimos os participantes da nossa pesquisa, ou seja, cinco ciganos, sendo quatro deles da etnia Calon e um da etnia Sinti. E, para lançar um olhar sobre os setores que garantem a empregabilidade no comércio local, aplicamos questionários com gerentes ou responsáveis das lojas com intuito de perceber a possível inserção dos ciganos no trabalho formal.

Nesse sentido, o desenho metodológico da nossa pesquisa esteve pautado na Abordagem QUALI-quantitativa; quanto ao procedimento nossa investigação caracteriza-se como Pesquisa Exploratória em função da quase inexistência de estudos a respeito dos Ciganos no mundo do trabalho, e precisávamos nos familiarizar com o universo do nosso objeto de pesquisa. O que posteriormente pode nos direcionar para outros níveis de investigação. Utilizamos como dispositivos de pesquisa as entrevistas semiestruturadas, questionários fechados e o diário de campo. E como procedimento de análise, estabelecemos como parâmetro a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) que orienta quanto ao processo de codificação e categorização dos conteúdos, seguindo as etapas de pré-análise, exploração, tratamento, inferências e interpretação. E fundamentalmente, no processo de seleção dos indicadores com as Unidades de Contexto e Unidades de Registro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da realização das entrevistas com os ciganos de Jacobina-BA, passamos a categorizar os conteúdos, organizando os indicadores por meio das Unidades de Contexto e Unidades de Registros, conforme o quadro 1.

Quadro 1. Categorização dos conteúdos das entrevistas.

CATEGORIAS TEÓRICAS	CULTURA (S) CIGANA (S). MUNDO DO TRABALHO. EMPREGO FORMAL E INFORMAL.
UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE REGISTRO
Educação familiar cigana	Costumes culturais Família Comportamento Sobrevivência do grupo Proteção familiar Tradição Respeito aos mais velhos
O cigano e a educação escolar	Conhecimento Emprego/ Mundo do trabalho Futuro melhor Contatos com não ciganos Resistência ao preconceito
Experiência profissional	Orgulho de ser cigano Concurso Professor Indiferença dos não ciganos Formação diferencial Formação educacional Formação familiar

Preconceito no âmbito escolar	Preconceito docente Choque emocional Choque psicológico Desejo de abandono Sempre suspeito “Ciganinho” Superação
Enfrentamento do preconceito pela gestão escolar	Ação judicial Desconhecimento da escola
Ciganos e o trabalho	Forma positiva Dificuldade Falta de oportunidade Desconfiança Preconceito
Empregabilidade pública e privada para ciganos	Não Desconfiança Falta de oportunidade Preconceito
Entraves do pertencimento cigano para o mundo do trabalho	Com certeza Sim Mitos e estereótipos Sociedade não cigana preconceituosa
Ciganos e o trabalho autônomo	Única forma de sobrevivência Oportunidades negadas Falta de conhecimento Preconceito

O quadro 1, sinaliza os pontos mais significativos, representados pelas palavras-chave que mais apareceram nos conteúdos das mensagens dos participantes da pesquisa. E nos auxiliou na compreensão sobre a visão dos próprios ciganos sobre sua inserção ou não no mundo do trabalho. Inicialmente, dialogamos a respeito da “*Educação familiar cigana*”, que como unidade de contexto nos traz a percepção sobre seus costumes e tradições. P3, por exemplo, afirma que:

É muito importante porque desde criança, a gente aprende um com outro as regras de sobrevivência e da tradição dentro da própria comunidade né. E um laço familiar muito forte, onde todos integrantes da família sente-se protegido na presença do outro (P3, 2018)

Por sua vez, P4 nos sinaliza que:

É de importância fundamental, pois temos a convicção de que, só através da Educação Familiar a nossa tradição perdura, além de que diferente dos não ciganos (GAJÓS), os mais velhos (Avós, Bisavós, Bisavôs e etc...) São fundamentais para nossa Educação devido seus conhecimentos (P4, 2018)

As falas em questão demonstram que os ciganos valorizam e respeitam a educação familiar acima de qualquer outro modelo de educação, porque é a base principal de sustentação da sua identidade cultural. O que dialoga com Casa-Nova (2005), quando a autora, a esse respeito, aponta que:

Esta valorização, a par com a socialização de crianças e jovens em valores culturais que consideram superiores aos valores transmitidos pela sociedade majoritária (o respeito e o não abandono dos mais velhos; o carinho e o não abandono das crianças; a solidariedade com os doentes e a preservação da virgindade das raparigas até ao casamento), a forte coesão e proteção grupal em momentos de forte tensão e exposição individual no que se refere a relações inter étnicas, bem como o medo que, como forma de poder e de estratégia de sobrevivência, suscitam nos outros, é parcialmente explicativa da segurança e algum sentimento de superioridade evidenciados pelos elementos de etnia cigana em relação à restante sociedade (CASA-NOVA, 2005, p.211)

Referente à percepção dos ciganos para o trabalho formal, eles afirmam que enxergam de forma positiva, porém deixaram claro que há bastante dificuldade em ter acesso aos empregos formais em função da falta de oportunidade, da existência de desconfiança e do preconceito. Como podemos analisar na fala de P3:

É muito importante, é muito positivo nos ciganos trabalhar, mas é muito difícil isso acontecer, pois a sociedade não nos dá essa oportunidade, pois há muita desconfiança por parte da mesma devido aos mitos e estereótipos já acontecidos, que ainda hoje existe na sociedade, esse tipo de preconceito e desconfiança. (P3, 2018)

Dessa forma, podemos visualizar que o depoente P3 nos informa que, apesar da boa vontade, é muito difícil um cigano trabalhar formalmente, pois a sociedade não dá essa oportunidade, devido à desconfiança, aos mitos e estereótipos estabelecidos.

Quando se trata de Empregabilidade pública e privada para ciganos, os entrevistados afirmaram que há muita falta de confiança, negando oportunidades aos ciganos devido ao preconceito contra eles, como por exemplo:

Não nego que existem estereótipos negativos sobre os ciganos. E por causa da má fama que os ciganos gozam na região, é lógico que o industrial, o empresário, o construtor ou o comerciante que precisar de mão-de-obra não-qualificada, dê preferência à contratação de não-ciganos, mesmo para serviços avulsos (MOONEN, 2011, p. 19)

É visível que entre um cigano e um não-cigano, as empresas/lojas no mundo do trabalho irão escolher os não-ciganos devido à péssima imagem guardada dos ciganos e ideias passadas de geração em geração na sociedade não-cigana. E, aliado a isso, há também o fator escolaridade, o que segundo alguns depoimentos os impedem de realizar o cadastro para possíveis empregos formais. O depoente P2 nos afirma: "não, por que as empresas também não dão oportunidades, chances nenhuma de possibilidade de se cadastrar" (P2, 2018).

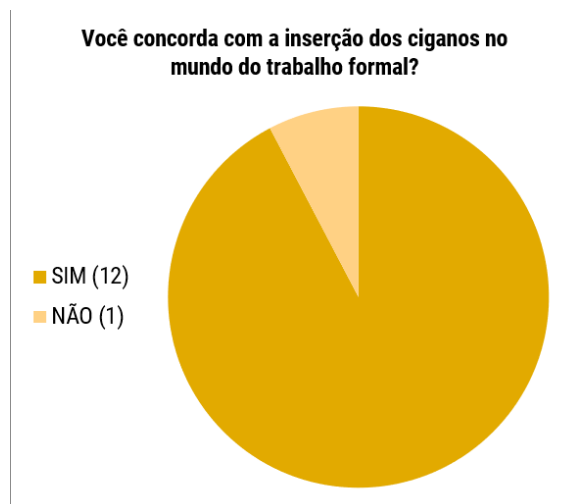
Quando se trata de Ciganos e o trabalho autônomo informal, existem muitas opiniões populares acerca de suas atividades financeiras que nada mais se tratam de uma forma de sobrevivência ao qual eles se adaptaram, ao qual P2 responde de forma curta e direta quando questionado sobre o trabalho autônomo: Por que não tem outra forma de sobreviver e de trabalho (P2, 2018). O que P3 também responde de forma semelhante ressaltando a importância do trabalho para sobrevivência: "pelo fato de não terem oportunidade de trabalhar, e também por motivo de sobrevivência" (P3, 2018).

Então, observamos, portanto que se trata de atividades de sobrevivência e manutenção da família, modo tal de sobrevivência que é transmitido de pai para filho ao longo das gerações. Ressaltamos que em nossas observações em campo, notamos a presença de meninos que acompanham seus pais aos bancos privados e públicos, que segundo eles, é para aprenderem a executar negócios.

4.1 Dados construídos com questionário

A aplicação dos questionários com os gerentes e responsáveis das instituições comerciais de Jacobina - BA foi realizada para estabelecer uma análise fora do olhar dos ciganos de como tais participantes enxergam a inserção ou não dos ciganos nos trabalhos formais. Os resultados foram transformados em dados estatísticos. O gráfico 1 nos traz o nível de concordância da inserção dos ciganos ao trabalho formal.

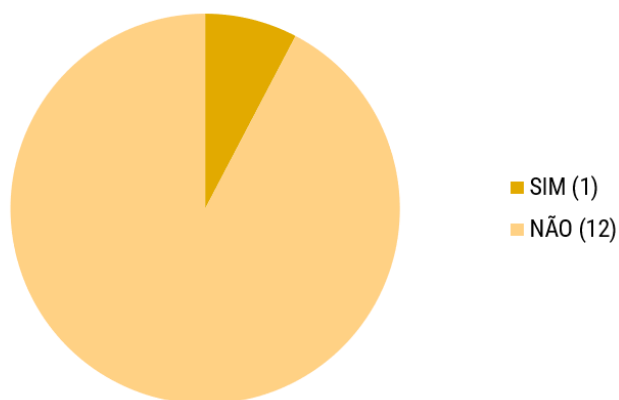
Gráfico 1. Concordância dos Ciganos no trabalho formal.



O gráfico 1 demonstra que os gerentes/representantes das empresas em sua maioria concordam com a inserção dos ciganos no mundo do trabalho formal e esse é um resultado não esperado, já que a sociedade tem em si enraizada um forte preconceito para com os ciganos.

Gráfico 2. Contratação de ciganos.

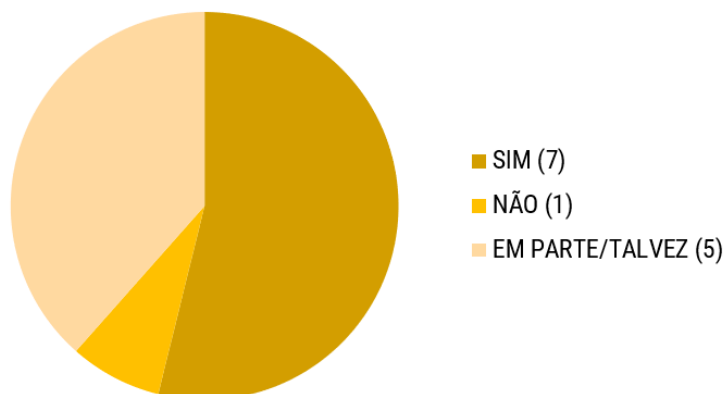
Você já contratou ciganos para trabalhar na empresa?



O gráfico 2 apresenta a triste e perceptível realidade que consideramos pertinente expor em relação aos ciganos e ao trabalho formal, a maioria dos gerentes/representantes que responderam ao questionário nunca contrataram ciganos autodeclarados, mesmo tendo afirmado anteriormente que concordam com a inserção dos ciganos no mundo do trabalho formal.

Gráfico 3. Possibilidade de contratação de ciganos.

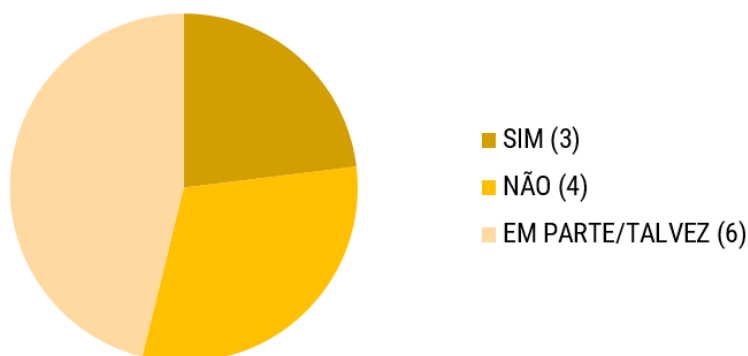
Você contrataria ciganos para trabalhar em sua empresa?



Por sua vez, o gráfico 3 surpreende com a maioria dos gerentes/representantes marcando a opção SIM, que contratariam ciganos para trabalhar na empresa, e também surpreende que a opção NÃO tenha sido marcado somente uma vez. Mas, a dúvida da contratação por 5 dos 13 entrevistados também indica a possibilidade de não garantir a contratação dos ciganos.

Gráfico 4. Preconceito como dificuldade para contratar ciganos.

Na sua opinião, existe algum preconceito que interfere na contratação de ciganos?



No gráfico 4, há um resultado balanceado, pois nele visualizamos que a maioria dos gerentes/representantes consideram somente “EM PARTE” os ciganos sofrerem interferência do preconceito na contratação, e outros quatro afirmam que os ciganos não sofrem interferência do preconceito na contratação, algo incompatível com a realidade.

Ao perguntarmos por que não existem muitos ciganos trabalhando em empresas formais, os gerentes ou representantes de lojas tinham algumas alternativas para serem sinalizadas, como: não são confiáveis, não possuem escolaridade, não tem experiência, podem amedrontar os clientes, podem não se adaptar ao ambiente de trabalho ou outra opção. As alternativas mais sinalizadas foram em 1º lugar não tem experiência, em 2º lugar podem não se adaptar ao ambiente de trabalho, em 3º lugar outros e em 4º lugar não são confiáveis.

Analisando as respostas dos entrevistados ciganos, observamos que suas trajetórias de vida foram marcadas por estereótipos negativos (ladrões, preguiçosos, vagabundos), mas eles conseguem superar os olhares e visões pejorativas e permanecem com suas tradições, que são milenares. Essas tradições transmitidas de pai para filho nos fazem vislumbrar uma cultura marcada por valores, respeito aos mais velhos e o cuidado de um para com o outro. Destacamos entre eles a alegria em viver e se doar para sua família. Nessa perspectiva, as mulheres se sobressaem, pois são responsáveis pela manutenção da cultura: os valores relevantes para comunidade, a linguagem própria falada apenas entre os familiares, entre outros. Foi interessante perceber que sua educação familiar é permeada por aspectos bem interessantes como, por exemplo, o respeito aos mais velhos, mas pouco valorizados pela sociedade não-cigana.

Com relação ao mundo do trabalho formal, os relatos dos ciganos entrevistados foram recheados pelo desejo de ter uma profissão, conquistar melhores condições de vida, bem como proporcionar um futuro mais próspero para seus filhos. Para, além disso, observamos que almejam romper as barreiras do preconceito imposto pela sociedade não-cigana, que gera dificuldade para o acesso ao trabalho formal, como também o diálogo entre ambos (ciganos e não-ciganos). Tornou-se perceptível a partir das análises das entrevistas e dos questionários que a falta de conhecimento no tocante a cultura do outro têm possibilitado a propagação dos estereótipos, inclusive o de incapaz para o trabalho, inexperiente.

Portanto, o que ficou evidente é que os gerentes/representantes das instituições comerciais se isentam da responsabilidade quanto à inexistência de ciganos no mundo do trabalho ao afirmar, primeiro porque eles não possuem experiência e segundo porque poderiam não se adaptar ao ambiente de trabalho, “camuflando” de certa forma o que a própria comunidade cigana trouxe nos dados das entrevistas, ou seja, que o preconceito e a desconfiança são grandes dificuldades para que eles consigam um lugar no mundo do trabalho formal. Não podemos também desconsiderar que o baixo índice da conclusão do Ensino Médio tem certo impacto nesse processo, mas não é o fator principal, pois em muitas funções em especial do comércio local não é exigido o término do Ensino Médio.

Convém salientar que num contexto mais amplo, grande parte dos trabalhadores brasileiros, cerca de 40%, não atua no mundo do trabalho formal. Segundo Pastore (2004), a informalidade ainda é um grave problema no mercado de trabalho brasileiro, ou seja, 60% dos nossos trabalhadores atuam no mundo do trabalho informal. O que nos sugere que dificilmente o mercado formal conseguirá absorver todos os trabalhadores informais e os trabalhadores desempregados. No entanto, acreditamos que se deve buscar alternativas para inserção dos povos ciganos no mundo do trabalho formal, seja em parceria com o poder público, a iniciativa privada, ou com a população em geral de Jacobina - BA e, dessa forma, possibilitar benefícios tanto econômicos como sociais para os povos ciganos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos fornece informações e resultados em curso, dessa forma há possibilidade de continuidade para os próximos anos com nossa realização ou por outros pesquisadores que pretendam investigar o referido tema.

A ideia inicial da pesquisa ocorreu em 2017, quando acompanhávamos o andamento do Estatuto Nacional do Cigano, posteriormente aprovado no dia 9/05/2018, pois tem um foco muito forte para auxílio na inserção dos ciganos no mundo do trabalho. E, portanto, compreender como acontece a inserção dos povos ciganos de Jacobina - BA no mundo do trabalho, isso foi o nosso objetivo geral. Percebeu-se que a inserção dos ciganos no mundo do trabalho tem ocorrido mais fortemente na informalidade, pois dos 5 ciganos entrevistados, dentro de uma abordagem QUALI-quantitativa, apenas 1 cigano possuía nível superior e atua como funcionário público. Os demais, atuam como autônomos e na informalidade. Já os gerentes e responsáveis pelos empreendimentos comerciais, ou seja, 13 participantes da pesquisa que responderam os questionários fechados, alegaram que a não contratação dos ciganos ocorre porque eles não possuem experiência e podem não se adaptar às funções, mas ficou também evidente que o preconceito e a desconfiança são grandes problemas para a contratação dos ciganos.

Sobre os objetivos para identificar as áreas de atuação profissional dos ciganos concluintes do Ensino Médio em Jacobina - BA e comparar a inserção dos ciganos no mundo trabalho formal e informal de Jacobina-BA, a pesquisa mostrou que aqueles que concluíram o Ensino Médio atuam como autônomos, geralmente como agiotas. Um da etnia sinti atua como terapeuta; um da etnia calon que tem nível superior, é professor; uma cigana calon está cursando o ensino superior, mas não trabalha e um cigano calon está concluindo o Ensino Médio e atua como agiota. E de fato, para aqueles que conseguem concluir a educação básica é o mercado informal, via de regra com o incentivo do dote para iniciar a vida conjugal e a sustentação da família.

Já referente ao objetivo de discutir as dificuldades enfrentadas pelos povos ciganos para inserção na empregabilidade formal em Jacobina-BA, percebemos que a valorização maior da educação familiar do que da educação escolar tem dificultado o término dos estudos e, em consequência, de projetar a busca pelo nível superior ou os trabalhos formais. Tanto que, como foi aprovada a RESOLUÇÃO Nº 1.339/2018 de sobre cotas para ciganos nos cursos de graduação e pós-graduação da UNEB, é possível que tal conquista sirva de maior incentivo para conclusão da educação básica por parte dos ciganos. Mas, acreditamos que a inserção dos povos ciganos em setores formais de trabalho passa também pela sensibilização e maior conhecimento que os setores econômicos de Jacobina - BA devam ter para que o preconceito e a desconfiança sejam reduzidos e as oportunidades sejam dadas.

O objetivo de construir uma proposta de parceria entre a comunidade cigana de Jacobina - BA (Rom, Calon e Sinti) e a ACIJA para sensibilizar os comerciantes locais a incentivarem a contratação de ciganos para postos formais de emprego, é o nosso desafio futuro como potencialidade de continuação da pesquisa. O que também dialogará com a aproximação em curso, com o poder legislativo de Jacobina-BA, por meio de um vereador que defende pautas para Povos Tradicionais, para possíveis discussões e criação de projeto de lei que garanta inserção dos ciganos no mundo do trabalho formal em Jacobina - BA.

Portanto, dado o caráter inovador pela temática e pioneiro porque não há registros de pesquisa na Educação Profissional e em outras modalidades da Educação Básica na Bahia e no Brasil que articule a relação dos ciganos com o mundo do trabalho, acreditamos que possamos ter a médio e longo prazo, não só contribuições teóricas para pesquisa científica na educação básica, mas em especial a concretização da presença dos ciganos no mundo do trabalho ocupando outros espaços a eles histórica e socialmente negados em Jacobina - BA.

REFERÊNCIAS

BORGES, Isabel Cristina Medeiros Mattos. “É proibido negociar com ciganos e suspeitos...” – O trabalho na Manchester Mineira. In: **Anais do I Colóquio do LAHES**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

CASA-NOVA, Maria José. Etnicidade e educação familiar: o caso dos ciganos. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v.8, n.2, p.207-214, maio/ago. 2005.

SUSO ARAICO, A.; GONZÁLEZ DE CHÁVEZ, I. Estudio anual sobre la discriminación por el origen racial o étnico: la percepción de las potenciales víctimas 2011. **RED2RED, Madrid: Publicaciones del Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad**, 2012.

HISTÓRIA do Povo Cigano. In: **Wikipedia**. Disponível em <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_povo_cigano> Acesso em 31 mar. 2018

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no sertão da Paraíba**. João Pessoa: UFPB, 1994.

PARE, escute e olhe. **A integração de ciganos no mercado de trabalho**. Disponível em <<https://adcmoura.pt/pareescuteolhe/?p=441>> Acesso em 14 jul. 2018.

PARE, escute e olhe. **Os Rom, os Sinti e os Calon – conhecidos como ciganos**. Disponível em <<https://adcmoura.pt/pareescuteolhe/?p=250>>. Acesso em 14 jul. 2018.

PASTORE, José. Informalidade, estragos e soluções. In: **Congresso do Coppead**. Rio de Janeiro, 2004.

PEREIRA, Isabel. **Ninguém dá trabalho aos ciganos!. Estudo qualitativo sobre a (des) integração dos ciganos no mercado formal de emprego**. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta, 2016.

Projeto que cria Estatuto do Cigano é aprovado na CAS. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/09/projeto-que-cria-estatuto-do-cigano-e-aprovado-na-cas>> Acesso em 05 jul.2018.

SANTOS, Laudicéia da Cruz. **Etnicidade e educação: formação docente sobre os povos Ciganos na Escola Municipal Agnaldo Marcelino Gomes**. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade. PPEd/MPED- DCH IV/UNEB. Jacobina, Bahia: 2017.

Edson Bessa Meireles Neto tem origem cigana Rom Horahanê, é Técnico em Administração (2019) pelo CETEP do Piemonte da Diamantina II. Atualmente trabalha como Técnico em Administração (Simões Filhos, Bahia) no setor de prevenção de perdas e renegociação da empresa Stokinfo Telecom LTDA – ME. Entre seus temas de interesse, estão: Povos Tradicionais (ciganos), Psicologia, História e Arquitetura.

Airton Jordão Sampaio dos Santos é Técnico em Administração (2019) pelo CETEP do Piemonte da Diamantina II. cursou Empreendedorismo e Inovação Digital (2019) pela Fundação Bradesco, e Planejamento de Marketing (2019) pelo SEBRAE. Em 2019 participou como estudante finalista da 17ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE) com o projeto “A relação dos ciganos com o mundo do trabalho: limitações na empregabilidade formal em Jacobina-BA”. Atualmente é estudante de Eletromecânica pelo Centro de Especialização Técnica. Entre seus temas de interesse, estão: Povos Tradicionais (ciganos), Engenharia Civil, Marketing Digital, Eletromecânica e Eletrotécnica.

Ademilton da Silva Rocha é Técnico em Administração (2019) pelo CETEP do Piemonte da Diamantina II. Em 2019 participou como estudante finalista da 17ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE) com o projeto “A relação dos ciganos com o mundo do trabalho: limitações na empregabilidade formal em Jacobina-BA”. Entre seus temas de interesse, estão: Povos Tradicionais (ciganos) e Administração.

Laudicéia da Cruz Santos é mestra em Educação e Diversidade (2017) pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Mídias na Educação – UESB, Especialista em Metodologia de Ensino para a Educação Profissional - UNEB. Graduada em Licenciatura Plena em História- Universidade do Estado da Bahia-UNEB/DCH IV (2001). Atualmente, leciona História no Ensino Médio Integrado a Educação Profissional no Centro de Educação Profissional Piemonte da Diamantina II em Jacobina - BA. Entre seus temas de interesse estão: Povos Tradicionais, Metodologia do Trabalho Científico, Educação e Diversidade.

Sabrina de Souza Lima é mestra em Educação e Diversidade (2017) pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em História da Bahia pela Universidade Estadual de Feira de Santana e licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB/DCH IV (2001). Atualmente, leciona História no Ensino Médio Integrado a Educação Profissional no Centro de Educação Profissional Piemonte da Diamantina II e para o Ensino Fundamental II no Colégio Municipal Núbia Maria Mangabeira Guerra em Jacobina - BA. Entre seus temas de interesse estão: Educação, Cultura, Diversidade, Povos Tradicionais.

Este trabalho foi desenvolvido no Centro de Educação Profissional Piemonte da Diamantina II, em parceria com a Comunidade Cigana Calon de Jacobina - Bahia.

Contribuição de autoria. Airton Jordão Sampaio dos Santos, Ademilton da Silva Rocha, Edson Bessa Meireles Neto: concepção, coleta e análise de dados, elaboração e redação do manuscrito. Laudicéia da Cruz Santos, Sabrina de Souza Lima: orientação, redação e revisão do manuscrito.



COMO CITAR ESSE ARTIGO (ABNT NBR 60230):

MEIRELES NETO, E. B; SANTOS, A. J. S; ROCHA, A. S; SANTOS, L. C; LIMA, S. S. A relação dos ciganos com o mundo do trabalho: limitações na empregabilidade formal em Jacobina-Bahia. **Scientia Prima**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 134-146, maio 2020.